

Lula se alinha à China e contesta hegemonia do dólar

Visita oficial

Lula se alinha à estratégia da China e contesta hegemonia global do dólar

— Na primeira agenda no país asiático, presidente questiona uso da moeda americana para lastrear o comércio internacional; brasileiro visita centro da Huawei, alvo dos EUA

ALTAMIRO SILVA JUNIOR
ENVIADO ESPECIAL / PEQUIM
ISABELLA ALONSO PANHO
SÃO PAULO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva iniciou sua visita oficial à China com uma defesa do uso de moedas locais no comércio entre países integrantes dos Brics. Ao questionar o motivo pelo qual as nações precisam do dólar para lastrear seus negócios, o brasileiro se mostrou alinhado a uma estratégia que marca a política externa e financeira do país asiático: a redução da dependência da moeda americana e o aumento da circulação do yuan.

No seu primeiro discurso em território chinês, Lula defendeu o combate à pobreza e as reformas de organismos multilaterais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. O petista participou da cerimônia de posse de Dilma Rousseff para comandar o Novo Banco de Desenvolvimento, também chamado de banco dos Brics – sigla formada por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul –, e abandonou o texto lido para falar do dólar.

“Toda noite me pergunto por que todos os países estão obrigados a fazer o seu comércio lastreado no dólar. Por que não podemos fazer nosso comércio lastreado na nossa moeda? Por que não temos o compromisso de inovar? Quem é que decidiu que era o



Lula discursando em Xangai durante posse de Dilma Rousseff na chefia do Novo Banco de Desenvolvimento

dólar a moeda, depois que desapareceu o ouro como paridade?”, questionou o presidente.

YUAN. Conforme revelou o Estadão, os governos da China e do Brasil avançaram nas últimas semanas na negociação para que comércio e investimentos entre os dois países sejam feitos diretamente entre o real e o yuan, o que exclui o dólar americano das transações. O governo da China já indicou qual banco fará o papel de clearing house, a unidade autorizada a realizar essas transações no Brasil. Esse mecanismo financeiro não existe no País. Só no ano passado, o comércio

entre os dois países somou US\$ 150,4 bilhões, nível recorde e 21 vezes maior do que na primeira viagem do petista a Pequim, em 2004. Além disso,

Números
O comércio entre Brasil e China somou US\$ 150,4 bi em 2022; país asiático importou US\$ 90 bi

o Brasil é o quarto país no mundo onde a China mais investe, respondendo por 5% do total. O país asiático importou US\$ 90 bilhões do Brasil e exportou US\$ 60 bilhões. As vendas

do Brasil para os chineses somaram em 2022 mais do que o total que o País vendeu para os Estados Unidos (US\$ 37 bilhões) e para a União Europeia (US\$ 50,8 bilhões).

No primeiro dia de agenda oficial, Lula também visitou um centro de pesquisa e desenvolvimento da Huawei, a gigante de tecnologia chinesa que está no centro da diplomacia americana – os Estados Unidos defendem o banimento internacional da empresa, acusada de ser um braço de espionagem do governo da China. Lula e a delegação brasileira em Xangai foram recebidos ao som da música *Garota de Ipanema*.

ma. A agenda principal do presidente brasileiro estava prevista para a madrugada de hoje no Brasil: uma reunião, em Pequim, com Xi Jinping.

Para Guilherme Casarões, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e doutor em Ciência Política pela USP, Lula tem um novo desafio em seu terceiro mandato, que é como “navegar num mundo diferente daquele de 20 anos atrás”. “Hoje, Estados Unidos e China disputam a primazia do comércio e da tecnologia em nível global. O Brasil, um país emergente diante do horizonte de um mundo multipolar, precisa se equilibrar entre as duas grandes potências.”

Oliver Stuenkel, professor de Relações Internacionais da FGV e colunista do Estadão, avaliou, porém, que, mais do que a fala sobre o dólar ou a visita à Huawei, o tema mais sensível da viagem de Lula “é a possibilidade de o Brasil buscar algum tipo de ativismo na negociação de paz da Ucrânia de forma que possa beneficiar a Rússia”.

“Quanto mais Lula falar sobre a Ucrânia durante essa visita, estando na China – que, na percepção ocidental, não é um ator neutro –, maior o risco de que o Brasil seja visto na Europa e nos Estados Unidos como um ator mais próximo da Rússia e da China do que deles”, pontuou Stuenkel, que é doutor em Ciência Política pela Universidade de Duisburg-Essen, na Alemanha. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Página: 6